Era uma planta que crescia alta, quase uma árvore, um pouco frágil talvez mas com muita disposição para contribuir, com suas folhas e flores para a beleza do mundo. Chegou a primavera, muitas plantas e arbustos se enfeitaram com flores. Ela, não. Fez-se verão. As árvores se engalanaram com flores. Também o verão, tal como fizera a primavera, não a presenteou com flores. Mas ela guardou no seu íntimo luz e calor do sol.
O outono chegou. E a planta, frágil árvore, olhava o rubo sol do ocaso, triste por ter apenas a cor verde das suas folhas. Mas esperou. E então veio se aproximando o inverno. Certa manhã, a árvore notou uns botões verdes nas pontas de alguns galhos. Seriam botões das suas flores? – Qual o quê! Passadas horas, dias, tudo quanto aparecera eram apenas protuberâncias verdes que, dilaceradas, mostravam pontos amarelos e vermelhos!
A planta estava triste, muito triste. E esperou.
Eram as noite mais longas do ano. Em muitos lugares fogueiras traziam luz para dentro do escuro das noites. Comemorava-se o nascimento de João batista como fora comemorado havia dezenas de anos. A planta sentiu a força do fogo, luz banindo as trevas, vitalidade lançando-se para o éter, o espaço, ao deixar para trás a matéria. Sentiu a energia vida derramada no espaço.
Na manhã seguinte ostentava na ponta dos galhos, em volta dos carocinhos coloridos que formavam um buquê, uma fulgurante coroa de labaredas escarlates, rubras folhas, folhas vermelhas!
A planta não recebera folhas vistosas mas, as suas folhas, aquelas mais próximas estavam das flores feiosas, absorveram a força e a cor das fogueiras de São João e uniram-nas à força guardada do solão de verão. E mesmo não sendo flor, passaram a ser chamadas de “Flor-de-São-João”. Talvez por trazer como João batista trouxera, a plenitude da força do verão anímico dentro de si...
Não importava ter flor ou ter folhas vermelhas. Importava trazer luz, fogo, beleza como certeza no amanhã tal como o outro João, aquele que é Éfeso vivera uma vida tão longa que se tornara um verdadeiro mito, uma imagem e um mensageiro da Eternidade.
(Texto extraído da revista Nós, Época de São João 2002, da escola Waldorf Rudolf Steiner, em São Paulo)